

revista
bulunga

dezembro de 2023 - número 24



Jorge F. Isah



Michel Salomão

na edição de aniversário de dois anos da revista, entrevistamos

dois velhos

RABUGENTOS

A Revista Bulunga completa dois anos de atividades, o que pode parecer inacreditável, considerando a nossa falta de recursos, de apoio de entidades não-governamentais e, principalmente, de leitores, em um país onde as pessoas preferem ficar assistindo dancinhas no TikTok, se bem que nós também tentamos, só que ficou muito ridículo.

Nosso novo desafio será o lançamento de um canal no Youtube, "**Dois Velhos Rabugentos**", onde pretendemos repetir o que fazemos nesta revista, só que de forma falada, abordando temas do cotidiano, crítica literária, spoilers de filmes ruins, entre outras atrações que podem surgir do acaso.

Não sabemos se a experiência se transformará em um podcast, o que está muito manjado, mas pretendemos trazer alguns convidados, fazer entrevistas e matérias pelas ruas das cidades, abordando gente desconhecida que possa nos transmitir algo de útil e até mesmo divertido, para que possamos dar um sentido a nossas vidas entediadas.

Até pensamos em sair do país para lançarmos nossos produtos lá fora, mas a xenofobia que tomou conta do mundo nos removeu dessa ideia estúpida, principalmente se considerarmos que estamos muito velhos e acabados, e ninguém jamais apostaria em nós.

Assim, só nos resta ficar por aqui fazendo os nossos comentários ácidos, porém inócuos, e por isso não corremos o risco de sofrermos censura ou processos judiciais, pois ninguém nos levará a sério mesmo.

"Então é natal. E o que você fez"? Ah, Simone, sai pra lá: não é da sua conta! Desculpe-me a grosseria, mas essa mania que as pessoas tem de ficarem xeretando a vida uns dos outros já encheu a paciência. As Redes Sociais estão abarrotadas de fotos da viagem das férias, do aniversário da tia da cunhada da madrinha, do teatrinho das crianças, do sorvete com cobertura de chocolate, do café da manhã, do almoço, do jantar e do cachorrinho defecando no jardim.

As pessoas estão tendo suas vidas devassadas voluntariamente, e mal sabem que do outro lado pode ter alguém fazendo vodu, porque acha que o seu sucesso não é merecido, mas ainda assim insistem em postar e postar e postar, porque querem fazer inveja nos outros, pois é a única maneira de se sentirem celebridades, com direito a quinze minutos de fama.

A privacidade deveria ser a coisa mais desejada, mas tem muita gente que pensa que só serão felizes se conseguirem exibir um estilo de vida que nem possuem, uma felicidade artificial como se estivessem em um ~Show do Truman~.

Mas vamos deixar isso de lado, pois é natal, época em que as pessoas se esforçam para se tornarem momentaneamente solidárias, humanas, para trocarem presentes baratos, sacrificarem o coitado do peru, que é chester, se refestelarem com seus panetones secos e tomarem seus espumantes baratos.

Penso que, sem esse rito anual, as pessoas podem perder a noção da ancestralidade, correndo o risco de saírem pelas ruas fazendo loucuras, correndo peladas e chutando cachorros. Então deixa do jeito que está, para não criarmos polêmicas: "ho, ho, ho... Feliz natal!

DOIS VELHOS RABUGENTOS

A amizade destes dois personagens já ultrapassa 42 anos, e começou quando ainda eram adolescentes, nos tempos da Faculdade de Direito da UFMG, em Belo Horizonte, com alguns pequenos intervalos, pois se distanciaram para cuidar dos filhos, das respectivas esposas, das carreiras e de diversos outros compromissos, mas não perderam contato, sempre arranjando um tempo para reclamarem de tudo e de todos. Se está fazendo sol eles reclamam, se chove, também, e nunca se conformam com o frio ou calor, e assim vão levando as suas vidas, cada vez mais velhos e muito mais rabugentos, pois é isso que os mantém de pé. Hoje moram em cidades distantes, mas isso não os impede de gastarem uma hora ou mais no telefone, como ocorreu nesta entrevista, oportunidade em que reclamaram da situação política e econômica do país, dos preços dos alimentos, do congestionamento do trânsito, dos vizinhos barulhentos, enfim, vejam se conseguem ler até o final essa conversa entre Michel Salomão e Jorge F. Isah, os “Dois Velhos Rabugentos” que em breve lançarão seu canal no Youtube.

BULUNGA - Vocês se consideram mesmo dois velhos rabugentos?

MICHEL – É uma realidade: não temos como não assumir. Reclamamos de tudo e de todos, mas não é sem propósito: está tudo ruim. O mundo vai de mal a pior, as relações sociais estão malucas, tá tudo invertido, é homem virando mulher, é mulher virando homem, as instituições estão falidas, não existe mais moral, não existe mais justiça, as pessoas preferem torcer pelo sucesso do bandido.

JORGE – Esse cara é um pessimista! Não é bem assim, não: é muito pior (risos). Mas eu não sou rabugento, apesar de reclamar de tudo... Já me chamaram de niilista, existencialista e capitalista... Na verdade, sou um otimista nato e espero o dia em que este mundo exploda em milhões de pedaços!

MICHEL – (risos) Deixe de ser OTIMISTA! Não é rabugento, não... eu que sei!

BULUNGA - Quando vocês se conheceram?

MICHEL - Foi na faculdade de Direito da

UFMG, há um século. Verdade, foi no século passado, para você ver como estamos velhos. Eu ainda não tinha completado 18 anos, tinha acabado de passar no Vestibular e era o meu primeiro dia de aula. Estava todo mundo perdido, sem saber o que fazer dentro da sala, pois o professor não tinha aparecido, e eu vi aquele cara entediado, quieto, sentado em sua cadeira, na última fileira, como se nada no mundo fosse capaz de afetá-lo. Aí cheguei perto dele e puxei assunto. A conversa rendeu e foi até o final do que seriam as aulas daquela noite, que nem tivemos. Falamos sobre tudo, principalmente de literatura, e o Jorge foi o culpado de me apresentar a Bukowski.

JORGE - Não foi na Faculdade de Direito: foi antes. O primeiro semestre era na Faculdade de Filosofia, depois é que fomos para a outra. Não entendia que raios de cronograma era aquele, pois a FAFICH, como era carinhosamente conhecida, cheirava a esterco, urina e maconha, não importando onde você estivesse, sem contar as pichações e rabiscos nas paredes, portas e teto, como se um grupo de crianças do jardim de infância tivesse se rebelado na escolinha, porque

negaram distribuir jujubas e pirulitos. Era uma bagunça, mas hoje está milhões de vezes pior.

BULUNGA – Michel, você falava de Bukowski: foi sua maior influência?

MICHEL – Tive várias influências, sendo a principal Gabriel Garcia Marquez, com seu realismo fantástico. Mas Bukowski me libertou, pois percebi que poderia escrever qualquer porcaria sem me autocensurar. E hoje escrevo muita porcaria, sem qualquer remorso.

BULUNGA – E você, Jorge, o que mais o influenciou?

JORGE – Posso dizer que Dostoiewski, mas escrevo parecido com Faulkner, e todo mundo acha que, no fundo, sou o Tiririca das letras.

BULUNGA - Você está sendo muito modesto... E como foi que essa amizade evoluiu até a velhice?

MICHEL - Pouco tempo depois fomos trabalhar em uma mesma empresa, e lá fundamos um jornalzinho, tipo fanzine, feito com cópias reprográficas, em preto e branco. Só teve dois exemplares, e esse foi o nosso primeiro fracasso, mas muitos outros viriam (risos). Ainda na Faculdade, criei o “Movimento Ridículo”, uma manifestação de cunho filosófico com o propósito de “ridicularizar” a sociedade. E o Jorge aderiu.

JORGE – Fui obrigado a aderir. Eu precisava de um dinheiro emprestado para pagar a minha passagem de ônibus da volta e você me obrigou...

MICHEL – Mentira! Você que ficou implorando para entrar, pois sabia que o Movimento Ridículo seria um sucesso.

JORGE – Ah, sim, grande sucesso! Foi uma



maravilha: nos tornamos mais famosos do que os Beatles. As mulheres rasgavam as nossas roupas quando nos viam...

MICHEL – Ele está exagerando, mas foi mais ou menos assim.

BULUNGA – E como era esse “Movimento”?

MICHEL – A gente fazia uns panfletos e pregava nas paredes, falando umas barbaridades sem sentido, criticando a faculdade, os professores e os colegas. Eles eram devorados pelo “Monstro de Merda”, que eram tirinhas de cartuns que eu desenhava, que fizeram o maior sucesso. Não poupávamos ninguém.

BULUNGA – Vocês deviam ser “adorados” na faculdade...

JORGE – Ah, sim, éramos. Não podiam nos ver que saíam correndo atrás da gente, pedindo autógrafos. Só que com pedras nas mãos...

MICHEL – Mas foi muito divertido, você há de convir.



BULUNGA – E a amizade persistiu após a faculdade...

JORGE – A gente foi trabalhar no Lloyds Bank, mas o Michel pediu demissão depois de um tempo, para viver de teatro. Eu me casei e logo tive os meus filhos, Kathleen e Kevin, e ele ficou mambembando com o seu grupo.

MICHEL – Mambembando, não: olha o respeito! Virei um indigente das artes cênicas. Fiquei uns dez anos fazendo peças, fiz alguns comerciais de TV, me apresentava em bares, nas ruas... foi um tempo de muitos sonhos, mas viver de arte é muito difícil.

BULUNGA – E você, Jorge, o que fez após esse período?

JORGE – Depois que saí do banco, montei uma empresa, fiquei um tempo nela, depois montei outra, até que resolvi me aposentar para ir morar no litoral de São Paulo.

MICHEL – Que vidão! E depois ainda tem a coragem de reclamar. Agora vive na praia, fazendo caminhadas e bebendo água de coco.

BULUNGA – Parece que vocês se divertem reclamando das coisas. Sempre foi assim?

MICHEL – Agora falando sério, a situação foi muito difícil. Nós éramos muito pobres, muito mesmo. Quando nos conhecemos, pesávamos pouco mais de 60 quilos, e como sou um pouco mais alto que o Jorge, parecia um graveto ambulante. Era triste. Hoje peso 103 quilos e o Jorge já chegou a 123, virou um balofo.

JORGE – Balofo, não, olha o respeito. Fofinho. Mas éramos uns famintos. Almoçávamos no bandeirão da faculdade e ficávamos implorando para os caras servirem mais comida para nós. Era uma luta pela sobrevivência. Por isso, hoje tentamos tirar o atraso, virando baleias.

MICHEL – Só que você exagerou nesse atraso...

BULUNGA – E como foi a questão da família, as esposas, os filhos...

MICHEL – O Jorge se casou primeiro e até fui padrinho dele. Nesse tempo, nossos encontros passaram a ser menos frequentes, pois comecei a mexer com teatro, viajei muito, e ele foi cuidar da família. Eu me casei uns anos depois do Jorge, tive os meus filhos Rafael e Marcos, mas aí a situação ficou tão difícil que tive que fazer um concurso e me tornar um burocrata.

JORGE – E ficou rico...

MICHEL – Perto do que eu era, sim, fiquei rico... Cara, algum de vocês já teve que usar papelão no solado dos sapatos furados? Eu já: é a coisa mais triste, principalmente quando chove. E prego na haste do chinelo, depois que arrebenta?

JORGE – Eu tenho raiva de lembrar quando uma vez estava precisando de um sapato e a minha mãe me levou na loja, e lá havia um

sapato bicolor, branco e preto, que parecia sapato de palhaço. Era o mais barato que tinha, e estava na prateleira de baixo, todo empoeirado. Era ridículo, mas era o que ela podia comprar. Eu chorei, esperneeiei, prometi que não iria calçar aquela porcaria, mas a minha mãe comprou e tive que ir para a escola com ele. Quando cheguei lá, os meninos me cercaram no pátio e ficaram debochando de mim. Foi um trauma enorme.

MICHEL – Como disse, eu era tão pobre que não conseguia ter um Kichute, que era uma espécie de chuteira de pobre, com solado com umas travas e lona preta, mas o meu sonho era ter um All Star, que os meninos riquinhos usavam. Certa vez ganhei um Conga preto, que tentava imitar o Kichute. Ou seja, só quem era MUITO, mas MUITO POBRE usava aquela coisa. Eu tomei um verdadeiro ódio dele. E sabe o que fiz? Peguei uma tinta branca para couro, um vidrinho que tinha lá em casa, e pinteí uma estrela mal feita, dentro de um círculo, nas laterais, e fui para a escola com aquela aberração nos pés. Ficou um negócio meio borrado, porque a lona “chupou” a tinta. Ficou horrível. E os colegas não perdoaram. Virei motivo de chacota por muito tempo, e tentei de todas as formas estragar aquela coisa, chutava pedras, raspava o pé no chão para gastar o solado, e nada. Foi uma tortura.

BULUNGA – E como surgiu essa ideia de fazer a Revista Bulunga?

JORGE – O Michel definiu nome, formato e tudo, e aí não tive jeito nem de opinar. Ele é muito democrático (risos). Eu nem sabia se daria conta de escrever tanto, pois a proposta era fazer semanalmente, e eu sou mais criterioso para escrever, sofro mais, mas mesmo assim topei.

MICHEL – Eu tinha medo de não conseguir passar do exemplar número dois, pois achei que não teríamos inspiração para tanto, mas o tempo foi passando e agora já estamos no

número 24, com dois anos de vida. Hoje, a Revista Bulunga é um sucesso mundial. Só que ninguém sabe disso (risos).

JORGE – (risos) Tá bombando... os patrocinadores fazem até fila para poderem associar os seus produtos à nossa Revista.

BULUNGA – E esse canal no Youtube, “Dois Velhos Rabugentos”, vai seguir a mesma fórmula da Revista Bulunga?

MICHEL – Não dá para dizer... só sei que vamos reclamar de tudo e xingar todo mundo. Essa é proposta básica. A ideia é do Jorge, e ele está formatando a coisa. A sorte é que eu tenho experiência com esses negócios de vídeo, já fiz uns filmes porcarias e pode ser que a coisa funcione...

BULUNGA – Você não poupa nem as suas produções. Uns “vídeos porcarias”. Veja se isso é jeito de falar dos seus próprios trabalhos.

JORGE – Ele é assim mesmo. Esse cara não toma jeito... não adianta falar.

MICHEL – Eu utilizo a técnica de autodepreciação, que é amplamente usada em standup, para criar uma “empatia” com o público. No fundo, me acho o máximo. Ainda vou me candidatar a Presidente do Mundo...

JORGE – Não duvido... do jeito que ele é maluco, pode até ser que consiga. Ele joga pedra em avião e às vezes acerta.

MICHEL – E você será o meu vice...

JORGE – Dependendo de quanto pagar...

BULUNGA – O que vocês pretendem abordar nesse canal?

JORGE – Sei lá, vamos ler as notícias dos jornais, os acontecimentos sobre política, economia, sociedade, celebridades, e vamos

meter o pau em tudo.

MICHEL – E também pretendemos entrevistar uns malucos.

BULUNGA – Então será uma espécie de PODCAST...

JORGE – Mais ou menos isso. Mas com um toque de originalidade...

BULUNGA – Espero que tenham sorte...

JORGE - Precisamos mais do que sorte. O brasileiro não gosta de ler, e nós não sabemos fazer outra coisa além de escrever. Ou melhor, sabemos, mas muito mal.

MICHEL - Eu sei fazer um monte de coisas: faço um omelete que é uma beleza!

JORGE - Esse cara não leva nada a sério...

BULUNGA - O estranho é que vocês parecem ser dois respeitáveis senhores.

MICHEL - Nós somos sérios, mas temos que fazer zoeira para não ficarmos malucos.

BULUNGA - Qual dos dois é mais sério?

JORGE - Acho que sou eu. Sempre fui mais

centrado, mais compenetrado com minhas coisas. Por isso a minha produção literária é mais “sofrida”...

MICHEL - Pois eu não estou nem aí. Escrevo qualquer porcaria que vem na minha cabeça.

JORGE - É a tal técnica de autodepreciação que ele utiliza. Estou certo de que seria um ótimo standuper...

MICHEL - Vontade é o que não falta. Mas não tenho competência para isso.

JORGE - É claro que tem! Você é ator.

MICHEL - É diferente. Admiro quem faz, mas não sirvo para isso.

JORGE - Ah, deixa de falsa modéstia.

BULUNGA - Senhores, antes que comecem a brigar, preciso encerrar a entrevista. Foi muito bom falar com vocês.

MICHEL - Muito bom coisa nenhuma. É dez real. Dez real! Pode ir liberando a grana.

JORGE - É... Pode pagar agora, ou vai ficar sem esse gravador que deve ter comprado no “Shopping Oi”.



AGENTE 86

A Guerra Fria, que durou entre 1947 e 1991, resultado de uma tensão geopolítica entre os EUA e a União Soviética, logo após o final da Segunda Guerra Mundial, inspirou produções como a série “007”, estrelado por Sean Connery, que vivia o papel de James Bond, um espião britânico que faturava as belas espiãs soviéticas, trocava uns tirinhos com os inimigos e sempre se dava bem no final.

Foi aí que o genial Mel Brooks (em parceria com Buck Henry, e que mais tarde recebeu a colaboração de Leonard B. Stern e James Komack), criou a série Get Smart, que no Brasil recebeu o título “Agente 86”, estrela-



Don Adams

da por Don Adams, na pele do atrapalhado agente secreto Maxwell Smart, que fazia dupla com a bela Agente 99, interpretada por Barbara Feldon.

Smart era uma mistura de James Bond com o Inspetor Clouseau, o famoso detetive magistralmente vivido por Petter Sellers, do qual já falamos em edição anterior. Essa mistura resultou em um sucesso mundial.

Muitos pensam que Brooks era o diretor da série, mas os episódios foram dirigidos por Gary Nelson, Bruce Wilson, James Ko-



BarbaraFeldon

mack, Earl Bellamy e pelo próprio Don Adams, sendo perceptível as mudanças ao longo dos anos, de 1965 a 1970, quando foram filmados um total de 138 episódios.

Talvez a geração de hoje não consiga entender aquele tipo de humor, que expunha a imbecilidade dessa disputa entre as maiores potências globais, tendo de um lado a C.O.N.T.R.O.L., que representava o lado do bem, e a K.A.O.S, o lado do mal, sob o comando do estereotipado agente nazista Siegfried e seu patético ajudante Starker.

Entre as situações hilárias estavam as reuniões ultrassecretas realizadas sob o “cone do silêncio”, que nada mais era do que uma espécie de cúpula de acrílico que envolvia os interlocutores, que não conseguiam entender o que o outro dizia, porém todos os que estivessem do lado de fora conseguiriam



escutar com perfeição, pois a engenhoca mal passava da altura dos seus ombros. Entre os apetrechos tecnológicos, o mais famoso era o sapatofone, um comunicador que antecedeu a invenção dos telefones celulares e que era utilizado nas situações mais inusitadas. Isso sem contar os agentes secretos escondidos por trás de quadros na parede, torres de relógios, geladeiras, sempre reclamando das dificuldades do ofício, com seus disfarces ridículos.

Don Adams encarnou com perfeição o patético Agente Secreto 86, e recebeu indicações para vários prêmios, ganhando três Emmys co-

mo melhor ator na categoria séries cômicas. Ao seu lado, a inesquecível Agente 99, apaixonada pelo seu parceiro de trabalho, mesmo sabendo que não passava de um trapalhão, tendo que salvá-lo incontáveis vezes das confusões em que se metia.

Don Adams não se incomodava quando lhe perguntavam se não era frustrante ter vivido um único personagem durante toda a carreira, pois estava ciente do seu sucesso, pois o seriado passou pelas maiores redes de televisão dos EUA, como a NBC, CBS, ABC e FOX,



Mel Brooks

Mel Brooks merece um capítulo à parte, pois foi autor de diversos sucessos mundiais, como escritor e diretor de "Os Produtores", em cartaz por várias décadas na Broadway, e que foi posteriormente levado aos cinemas. Teve também "O Jovem Frankstein", que consagrou os atores Gene Wilder e Marty Feldman, este último famoso pelos seus enormes olhos azuis que se moviam de forma independente. Teve também "Banzé no Oeste", "Filme Mudo", da época em que fundou a famosa produtora de cinema Brooksfims, responsável por sucessos como "A Mosca", "O Homem Elefante", entre outros.

Mel Brooks está com 97 anos e ainda ativo, mantendo o seu inteligente humor judeu, e será lembrado para sempre pelo seu "Agente 86".

A Roda Quadrada ou Algo Parecido e InÚtil

Jorge F. Isah



Antoine Lavoisier, o pai da Química, depois de estudar as reações e estabelecer a “Lei da Conservação da Matéria”, disse: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Antes de partir para o texto em si, quero deixar outra máxima de sabedoria, desta vez, do profeta Isaías: “Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem mal; dos que dizem que as trevas são luz e a luz trevas; dos que fazem do amargo doce e do doce amargo! Ai dos que se fazem passar por sábios e astutos aos seus próprios olhos!” (Isaías 5:20-21).

Talvez, você se pergunte: que raios está a dizer este escrevinhador?

Ainda que o químico afirme haver uma constante transformação nas estruturas químicas do universo, ele assegura não ser possível criar nada que não tenha sido criado. Partindo para o homem, não da composição química mas moral, existe uma constante e insistente tentativa de se corromper valores, virtudes e qualidades ao

nível das bizarrices, vícios e pecados.

As pessoas se acham no direito de perverter coisas básicas e elementares como o sentido da vida, humanidade, o certo e o bem. Por meio de discursos e esquemas irracionais, ilógicos e delirantes, o bem se torna em mal, e o mal em bem, a depender dos interesses, motivação e objetivos dos proponentes.

Outra máxima, de os fins justificarem os meios, se encaixaria neste escopo, também.

Mas, por que essa miscelânea de citações?

Recentemente, uma ginecologista foi processada por um homem, quando se recusou a atendê-lo em uma consulta. Ora, bolas! O que ela esperava? Não seria mais conveniente mandá-lo arreganhar as pernas cabeludas, introduzir o espéculo (onde?? onde???), e depois agendar uma mamografia? Por que ainda temos de conviver com médicos preconceituosos, racistas e transfóbicos, que não sabem avaliar as necessidades e urgências de pessoas com vontades inclusivistas, sensíveis

e umbráticas? Afinal, que culpa têm se a medicina está cega aos anseios e apelos ébrios de psiques túrbidas e enleadas? E taca-lhe um processo, e as coisas se resolverão com indenizações, retratações e mudanças nos protocolos estabelecidos por séculos e séculos de estudos meticulosos, a fim de satisfazer os cacoetes e extravagâncias de uns e outros, por meio de canetadas dos espeloteados legisladores e juristas.

Caso semelhante aconteceu quando uma jovem fez exames de rotina, e descobriu que colesterol, triglicerídeos, glicose, plaquetas, gama GT, ácido úrico, entre outros, estavam nas alturas. O médico, ao ler os resultados, prescreveu uma série de medicamentos e indicou à paciente um nutricionista:

- Por quê? – Disse indignada.

- Você está obesa. Muito acima do peso. E gordura em excesso é a causa de exames tão ruins. – Não minimizou o especialista.

- O que você tem contra gordos?

- Nada.

- Para mim você não passa de um fascista, racista, retrógrado e gordofóbico!

- Não... – Tentou amenizar o médico, sem sucesso.

A paciente pegou o celular, chamou a polícia e, enquanto esperava para lavrar um boletim de ocorrência, entre xingos, gritos e acusações, olhou para a careca do doutor e disse:

- Pelo menos, sou gorda. Mas, e você? Já que feiura não tem conserto?

É por essas e outras que o meu filho quis fazer medicina e eu demovi-lhe da ideia, ameaçando deserdá-lo. Hoje, ele tem um estúdio de tatoos, ganha rios de dinheiro, e quanto mais gordos quiserem emporcalhar seus corpos, mais feliz ele ficará. Sem a necessidade de alertar os riscos à saúde, e ganhar um processo nas fuças.



DIRIGINDO NO ESCURO

Guido Malaparte



Ontem, assisti, depois de muito tempo, um filme de Wood Allen, de quem não sou fã, e durante boa parte da vida considereei o seu prestígio injustificado. Muito se deve, em boa parte, aos filmes das décadas de 70 e 80, quando o seu humor me parecia muito distante de figuras como Billy Wilder, Chaplin, Buster Keaton, Ettore Scola, Jerry Lewis, Rowan Atkinson, Peter Sellers entre muitos outros. Eu simplesmente não conseguia rir ou me divertir. Em alguns aspectos, achava-o pretensioso e esnobe... Mas isso ficou no passado.

Depois de ver e me refestelar com “O escorpião de Jade”, assisti “Blue Jasmine” (apesar da ótima interpretação da Cate Blanchett, me soou forçado e clichê), deparei-me com “Dirigindo no escuro”. Ouvira falar muito do filme, mas o desinteresse por Allen nunca nos colocou frente à frente. Então, ali estava eu, a tentar me redimir com o diretor/ator/escritor ou reconhecer que “O escorpião de Jade” fora uma exceção. Provou-se nem tanto ao mar, nem tanto à terra.

A história é simples: um diretor insuportável, excêntrico (Allen), que tivera sucesso, no passado, retorna à carreira em um filme com alto orçamento, escrito por sua ex-mulher (Téa Leone) e produzido pelo noivo e candidato a marido (Treat Williams). Allen mora com uma figurante e candidata a atriz (Debra Messing), e tem, por fiel escudeiro, o amigo e agente (Mark Rydell).

Antes do início das filmagens, Allen fica cego (um distúrbio psicossomático) e, por ser a última chance de sua carreira, decide, juntamente com Rydell, continuar o projeto, escondendo a deficiência de toda a produção.

Primeiro, me diverti bastante. Segundo, Allen faz uma crítica à indústria cinematográfica. Terceiro, de-

cha da própria arte e o ofício de direção, um jeito de mostrar como o cinema se especializou em ludibriar e enganar o espectador. Quarto, no set de filmagem ninguém descobre as incontáveis gafes de Allen, e alguns, como a repórter encarregada de acompanhar todo o processo, se veem deslumbrados com a genialidade e prodígio do novo diretor, o qual sequer tem ideia do que está criando. A hipocondria, o nervosismo, a paranoia, os tremeliques e a insegurança de Allen, além da sua verborragia (presente em quase todos os seus filmes), aliadas à cegueira, são os momentos mais engraçados, no bom e velho estilo do “Gordo e o Magro”. Por falar nisso, a semelhança, em alguns momentos, sugere que Allen está a imitar, ou inspirar-se, e a homenagear Laurel, tal a semelhança de interpretação.



Entra em cena o filho perdido (seria uma alusão ao "Filho Pródigo"?), as tensões nos relacionamentos com Leoni, Williams, o passado, e o iminente fracasso, apesar de dizer a si mesmo, como um mantra, ser capaz de concluir a filmagem.

No fim de tudo, sobra até para os franceses. Após descobrir que o seu filme é um retumbante sucesso (em contraste com o fracasso na América), e a fama a espalhar-se por toda a Europa, Allen diz: "Graças a Deus, pelos franceses!". E abandonar a América se torna a realização de um desejo e novas perspectivas para o futuro.

Ah, e em meio a tudo isso, há romantismo, sem os apelos constrangedores de sexo explícito, melodramas ou pieguice exacerbada. Tudo capaz de comover, de levar à reflexão, de divertir, sem os exageros e delírios comumente adotados pela grande indústria, nos últimos anos.

Existe quem torça o nariz para as produções das duas últimas décadas. Querem o Allen novaiorquino a

soltar piadas e frases encobertas mais pela pretensão do que propriamente pela inteligência ou crítica. O cinema sempre teve elementos metalinguísticos, quase ocultos, imperceptíveis para a maioria da assistência, e, por muito tempo, Allen se especializou nesse "quebra-cabeças" ou "labirinto" de intenções, permeado a nudez, sexo, e muito sarcasmo. Talvez, por isso, eu não goste das películas mais antigas. Elas, no geral, me parecem, como já disse, pretenciosas e seletivas à fórceps. Faltava-lhe algo de ingênuo, de otimista, de virtuoso em seus trabalhos. Mesmo não sendo uma marca evidente, é possível notá-los nos recentes. A ojeriza dos críticos se deve ao fato do diretor ter se afastado do exclusivismo pedante e jactante dos intelectualóides de plantão. Pior para eles.

Wood Allen, do alto da sua carreira provecta, está vivo. Até mesmo para os que erroneamente o consideram morto.



**" Ô, CRIDES!
FALA PRA MÃE, QUE O
LIVRO DELA ESTÁ NA
KÁLAMOS ! "**



coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus “cortes rápidos”, respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.

Nelson, tenho 58 anos, apesar de parecer bem mais nova, mas ainda sou virgem. Será que eu ainda tenho chance de perder o selo?

Existem muitos colecionadores de selos interessados em adquirir exemplares raros, mas correm o risco de se depararem com produtos mofados ou com teias de aranha. Mas vale a pena tentar.

Costumo ouvir vozes, e elas me mandam fazer coisas que não nem sempre quero. Não sei mais o que faço!

Se acaso essas vozes mandarem você trabalhar, obedeça.

O meu cachorrinho insiste em fazer xixi e cocô em lugares indevidos, e já gastei uma fortuna trocando de adestradores, mas nada adianta.

Já pensou na hipótese de trocar esse seu cachorrinho?

Tenho um Chevette 1983 que ainda está inteirão, mas recentemente andou uns problemas na ignição e meu mecânico disse que terei que trocar a rebimboca da parafuseta. Será que vai funcionar?

Certamente que vai. Aproveite a oportunidade

para trocar também o arreio e o estribo, pois assim você poderá passar a utilizar o seu veículo por tração animal.

Nelson, estou prestes a me casar e minha noiva faz questão de levar um primo dela para a lua de mel. Isto é normal?

Absolutamente normal. As noivas costumam usar véus muito longos, e assim esse primo dela poderá ajudá-los na hora de passarem pela porta do quarto do hotel, pois os panos podem se embaraçar em seus chifres.

Eu tenho um olho no peixe e outro no gato. Os meninos da rua falam que eu sou esquisito. O que eu faço?

Vá trabalhar em uma peixaria: você terá um emprego garantido.

Nelson, moro em uma casa grande com minha filha adolescente e tenho muito medo de fantasmas. Quando dá sexta-feira, sempre escuto uns passos no quintal, um barulho na janela do quarto lá de cima e por fim fico ouvindo uns rangidos na cama e uns gemidos estranhos que duram entre 3 e 5 minutos. Depois de certo tempo, tudo se aquieta.

Meu caro, conheço esse tipo de fantasma. Pegue uma espingarda de chumbinho, fique na espreita no quintal e quando ouvir os passos, atire naquela direção. Você vai ouvir uns gritos, mas pode estar certo de que esse fantasma nunca mais vai aparecer por lá.

Nelson, como faço para perder 11 quilos rapidamente?

Corte uma perna.

A HUMILHAÇÃO, DE PHILIP ROTH

Jorge F. Isah

Um artista renomado, uma lenda viva do teatro, o último dos grandes atores, a figura emblemática, lendária e consagrada, este é Simon Axler, a história viva dos palcos americanos. O que poderia acontecer-lhe de pior? Perder o talento, a capacidade de interpretar? O sentido da vida? A própria vida? A saúde? O controle? O fracasso é inevitável? Ou seria possível suportar as perdas e reconstruir-se?... Já no primeiro parágrafo é possível se fazer essas e outras tantas perguntas, ao ler:

“Ele perdera a magia. O impulso se esgotara. Ele nunca havia fracassado no teatro, tudo o que fizera sempre fora vigoroso e bem-sucedido, e então aconteceu esta coisa terrível: ele não conseguia representar. Subir ao palco tornou-se uma agonia.”

Philip Roth nos apresenta o principal dilema na vida do herói, um homem em declínio, nocauteado, a beijar a lona, sem forças para se erguer, fustigado pelo passado glorioso, enquanto a encará-lo está o presente e futuro indígnos.

“Humilhação” nos agarra inesperadamente, quase à força, e nos arrasta por suas páginas a conhecer o declínio, o crepúsculo do ícone entregue à própria incapacidade de se soerguer, de retomar o caminho ou, talvez, convergir a outro não tão glamoroso, mas ainda assim capaz de trazer-lhe a esperança de dias menos brilhantes mas viçosos e alentadores. Simon é um fatalista, niilista e, portanto, pessimista quanto ao seu destino. E não existem fatores externos a produzir desânimo e tristeza, pois a fonte das suas dores está em si mesmo, na negação, na autossabotagem, impedindo-o de recriar-se, de estabelecer novos vínculos e projetá-los para o amanhã. Resta-lhe então perder-se no passado, e colocar-se nele como fraude, embuste, nada do que viveu foi real, verdadeiro; e se sua vida se constituiu de ensaios, atuações e prêmios, além de fama e reconhecimento, ele não viveu, não se realizou. A amargura assoma-o de tal maneira que não existe espaço para mais nada além da frustração de ter sido um “malogrado sucesso”.

Axler é um homem velho, solitário, e recusa qualquer ajuda, como um naufrago submergindo às ondas ciclópicas nega-se ao socorro, afogado em seu orgulho, imerso em queixas, desprezo e autoestima, ainda que esta lhe traga vergonha e desgraça. É exatamente por não ser mais aquele grande homem do passado que está a negá-lo e a si mesmo. Teria a sua vida se misturado às dos seus personagens, em tantas tragédias, dramas, paródias e comédias? A torná-lo inábil, incapaz de se distinguir além das técnicas e arte? Aos sessenta e cinco anos, dores terríveis nas costas, chegando a imobilizar uma das pernas, sem família, sem amigos, não estaria em um palco, monólogo em curso, diante de uma plateia de cadeiras vazias? Permanentemente abandonado?... Essa foi a sua escolha, dentre tantos movimentos explícitos e furtivos de subjazer-se ao aparente, o seu adequado personagem valer-se do homem. Porém, o homem se rebela contra o personagem, e leva Simon ao sofrimento, à tristeza, ao desamparo, à quase loucura, a internar-se em uma clínica psiquiátrica; e para tanto é necessário o homem morrer e pôr fim às mentiras impostas pelo personagem.

No segundo ato, ele se reencontra com Peggeen, filha de amigos que viu nascer, e agora, aos quarenta anos, surge em sua vida como a tábua de salvação. Aqui, neste ponto, Axler tenta desesperadamente a redenção, ao mesmo tempo em que Peggeen também procura o recomeço, após viver uma relação homossexual frustrada, em que sua parceira decide, à sua revelia, transformar-se em um “homem” heterossexual, por meio de hormônios e cirurgias (digo, amputações: ou arrancar os seios seria o quê?). Duas personalidades erráticas se encontram, e nada pareceria mais improvável, ao mesmo tempo possível, do que a cooperação de almas aflitas e desconectadas da realidade, ou melhor, em um estado de hipérbole realista, onde parecem lançar-se para baixo, uma curva onde os focos são diferentes mas se vislumbra apenas a autodestruição. Se havia a confluência de escolhas e desejos, a aparentar solução dos dilemas, ele se mostrou frágil e efêmero, como um fio podre e quebradiço a conduzir as suas almas sobre o abismo.

Enquanto Peggeen deixou-se modelar, reconstruir-se pelas mãos inseguras de Simon, este imaginou redimir-se no papel de “Criador”, ao transformar a amante, de homossexual no estilo “Joãozinho” a uma heterossexual feminina e sedutora. A momentânea submissão de Peggeen se releva desesperadora, forçosa e débil, quase pantomímica; e a obstinação de Axler em reconduzi-la à naturalidade deixou-o inebriado com a sensação de controle, da situação exterior se refletir em equilíbrio ao seu interior arrasado pela descrença e ceticismo. Por um tempo, a esperança pareceu real, a expectativa vindoura de nova vida, novos rumos, a promessa de realização presumível.

A ideia do sexo e os necessários malabarismos e esquisitices a fim de sustentar o relacionamento provou-se frágil, enganosa, cuja escolha tornou-se ainda mais dolorosa, devastadora, quando se extinguiu em si mesma, após alguns meses. Aqui temos o terceiro e último ato.

Interessante que, no primeiro momento, o que se afigurava apenas apelativo e pretensioso (a narrativa de vários episódios envoltos em volúpia irrefreada) configurou-se em crítica, de Roth, ao vazio e insano valor que as pessoas dão aos desejos, ao irracionalismo, o verdadeiro “carrossel de

e emoções”, onde a gangorra da insegurança e desatinos não preenche as lacunas deixadas na alma, antes as põe a ferros, impenetráveis, sem a menor possibilidade de serem completadas ou satisfeitas. Constrói-se camadas e camadas de insatisfação e desgosto, ao ponto em que fugir, seja voltar à vida pregressa, no caso de Peggeen, ou aos planos interrompidos de Axler, tornam-se a única saída. O homem moderno, tão cheio de si, autossuficiente, a proclamar em bom som a sua autonomia, é presa fácil para o mundo cada vez mais pálido, inseguro, cinza e sem qualquer piedade aos maneirismos e vaidade, mais especificamente com aqueles dispostos a erguer um altar a si mesmos, e, no fim das contas, tornarem também a imolação, o sacrifício voluntário ao domínio da vontade; quando o preço a ser pago é a supressão da consciência, do fundamento, da vida. Então, restou a Simon ver suas forças exaurirem-se, e, por fim, ser completamente humilhado.

Ao final, até mesmo o personagem apagou-se. O esplendor fátuo entregou-o às sombras do tempo... no encerrar do último ato.

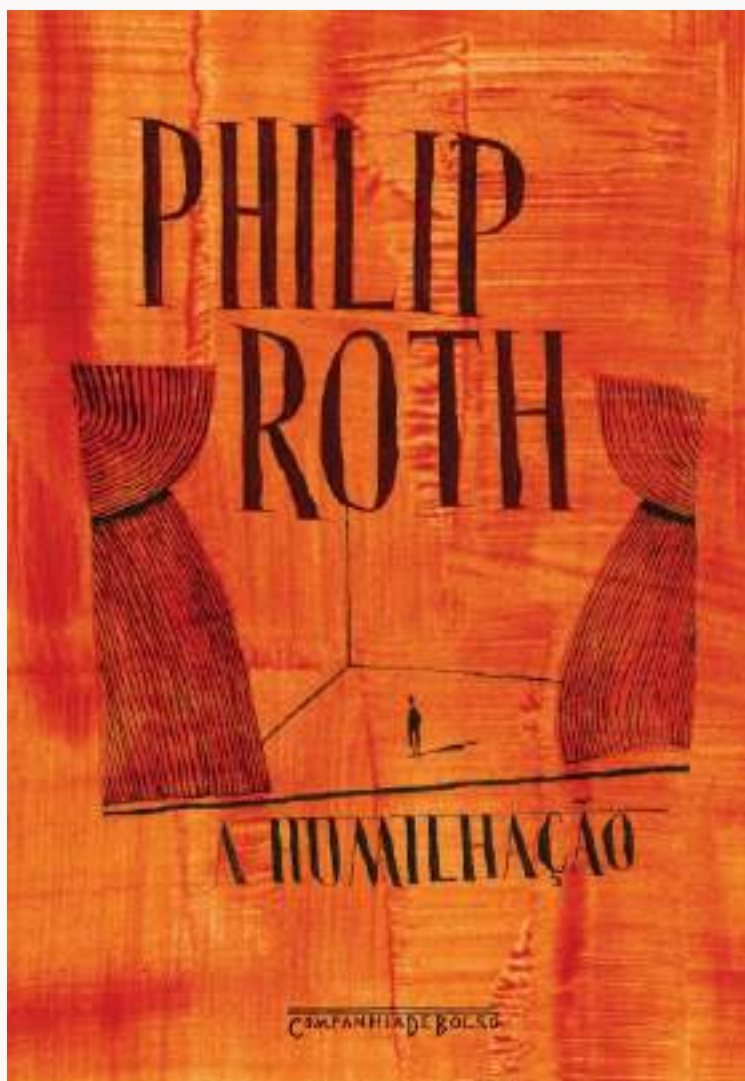
Avaliação: (***)

Título: A Humilhação

Autor: Philip Roth

Editora: Cia de Bolso

Páginas: 104



Clodokill

Fernandes

A LOUCURA NOSSA (DELES) DE CADA DIA.

Se não estamos loucos, a loucura não existe e somos todos normais ou anormais, e os parâmetros podem ser todos ou nenhum, se me entende, em um mundo onde tudo é permitido, consentido, aprovado e validado, desde que não caia pimenta no seu olho e nem seja preciso soprar o alheio. Então, tudo pode ser dito ou corroborado, mas existe uma exceção, ou muitas, a depender de quem faz a regra: não vale se opor, negar ou rejeitá-la, pois, se é regra, mesmo estabelecida informalmente, é preconceito, intransigência, intolerância quebrá-la. Em outras palavras: faça o que digo, não faça o que faço.

Eu sempre vi alguns tipos babentos, a conversar sozinhos, balançando a cabeça, revirando os olhos, e a puxar a boca para um canto ou outro. Os vi tropeçar na própria sombra, xingá-la ou pedir desculpas. Ouvi as histórias mais alucinantes; e as vezes a própria pessoa se contradizia, ria de si mesmo ou partia para a porrada com o interlocutor, fosse ele de carne e osso ou miragem.

Alguns diziam terem sido abduzidos por Ets, e outros, as vezes eles mesmos, afirmavam serem de um lugar distante do espaço, ou seja, os próprios Ets eram abduzidos por seus pares. Eu via de tudo, mas ninguém se aventurava a entendê-los, pois sabidamente eram loucos. Havia compaixão, carinho, raramente quebrado por um ou outro insensível à fragilidade alheia; e entre eles, depois de tempos, via-se a baba escorrer, os tremeliques instalarem-se e os papos sem sentido jorrarem das bocas. Mas nunca se

questionava a razão de serem doidos, pois doidos são doidos, simples assim.

Ninguém, em sã consciência, ligava para o que diziam, e mesmo quando cometiam desatinos, eram simplesmente afastados sem maiores implicações. Não exigiam ser ouvidos, entendidos ou respeitados. Na verdade, pouco se davam a qualquer um, desde que pudessem exercer a loucura sem maiores obstáculos. Claro, se algum se tornava violento e agressivo, a camisa-de-força se encarregava do ponto final em seu descontrole. Era raro, mas acontecia.

Hoje, os loucos tomaram conta de tudo: congresso, prefeituras, tribunais, sindicatos, igrejas, escolas e praticamente todos os lugares. Exigem diplomas, títulos, vênias e afagos carinhosos e submissos. Postam fotos e vídeos fazendo beicinhos, rebolando ou cuspiendo em alguém. Alguns, defecam na rua e expõem-na em 4K. Não têm vergonha ou limites. Também não escondem seus pensamentos e atitudes sórdidas, mesquinhas e neurastênicas. Não se importam de serem chamados de loucos, o que era uma afronta aos doidos do passado, apenas querem-se aceitos e bajulados. E aí de quem não o fizer, pois não existem, e exigem, mais as camisas-de-força.

É por essas e outras que estamos aqui a denunciar os loucos e suas sandices, e abrir as caixas-pretas da sociedade... Ops!!!... Não se pode dizer “caixa-preta” ou “buraco-negro” sem parecer racista aos loucos. Afinal, para que a luz, se nas trevas todos os gatos são pardos?



TIÃO MACALÉ

por Othon Cávado



Você conhece ou já ouviu falar de Augusto Temístocles da Silva Costa? Não? E “Tião Macalé”? Lembra-se? Pois bem, este é o nome verdadeiro do soteropolitano, nascido em 17 de dezembro de 1926. Erroneamente, a maioria das pessoas acredita ser ele carioca, quando de fato, era natural da Bahia.

Ator, humorista e músico, amante do futebol, mais precisamente do Fluminense, era um torcedor ardoroso e radical, a ponto de ter passado mal e precisar de cuidados médicos durante duas partidas do seu time do coração, e rechaçar qualquer intimidade com torcedores flamenguistas, p. ex., time a nutrir uma aversão quase patológica.

Aos dezesseis anos, saiu de Salvador pa-

ra nunca mais retornar. Talvez esteja nesse componente a associação com o Rio, terra que o acolheu e na qual se sentia completamente integrado.

Ao chegar à Capital, dormiu a primeira noite debaixo de marquises, já que não conhecia ninguém e não tinha dinheiro para hospedar-se em uma mísera pousada. Lembremo-nos de, naquela época, não haver ainda a cultura de se instalar albergues, alguns pontuais eram fornecidos por igrejas, mas em número irrisório diante da demanda. No dia seguinte à chegada, conseguiu um emprego de “lanterninha” em um teatro, e ali começou o seu contato com as artes cênicas. Na década de 1950, utilizando-se da aparên-



cia simples e popular, encarnou em suas personagens a figura, ao mesmo tempo, ingênua e simplória e levemente irônica e satírica.

Mesmo diante das constantes sugestões, sempre se recusou a “arrumar” os dentes, deixando o “buraco” visível, ao escancará-los em um sorriso expansivo e franco. Dizia ser a sua marca principal e, como tal, a origem de boa parte do seu “ganha-pão”.

Participou do filme “Orfeu Negro” (1959), de Marcel Camus, baseado na peça teatral de Vinicius de Moraes, “Orfeu da Conceição”, com trilha sonora de Tom Jobim. O filme, premiado internacionalmente, ganhou o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, em 1960, representando a França. Nele, Macalé fazia uma ponta, como um vendedor de gramofone.

Ganhou o apelido do grande Ari Barroso quando, na década de 1960, participava do programa de calouros “Gongo”, na extinta Tv Rio, onde o compositor “gongava” as pessoas, nos moldes em que “Chacrinha” buzina para os candidatos, revelando suas inabilidades e falta de talento, fazendo-os se retirar do palco. Tião era o encarregado de tocar o gongo, sob as ordens do mestre de cerimônias.



Nessa época, criou o famoso bordão “Ih, nojento, tcham!”, virou garoto propaganda da marca de achocolatado “Toddy” e, juntamente com a atriz “Marina Miranda”, sua parceira em vários trabalhos, protagonizou uma série de comerciais hilários para o “Supermercado Disco”, parodiando comerciais, digamos, “sérios”.

Foi no programa “Balança mas não cai”, sucesso estrondoso da Rádio Nacional de 1950 a 1967, e adaptado para a televisão em 1968, que Tião tornou-se mais reconhecido, apesar de ser bastante conhecido, regionalmente. Ao lado de ícones do humor radialístico, como Paulo Gracindo, Brandão Filho, Walter D’Ávila, Lúcio Mauro, Costinha, Sônia Mamede, Zezé Macedo, entre outros, ele contracenava, mais uma vez, com a parceira de sempre: Marina Miranda, onde faziam o casal “Crioulo Difícil” e “Crioula Difícil”.

(Um parênteses): Fico a imaginar hoje, se tal despreensão artística seria aceita ou sequer sairia dos projetos inseminais, dada a avalanche de Nutella consumida entre diretores, redatores, editores e artistas em geral. A despeito do discurso ser de “igualdade” ou “tolerância” ou “não discrimi-



nação”, as atuais gerações na verdade escondem-se no “politicamente correto” para destilarem o mal, o mal que têm em seu íntimo e o proclamam, camufladamente, como se fosse o bem. Não é! Se no passado havia doses e mais doses de ingenuidade, natural e despretensiosa, o presente revela toda a arrogância, falsificação e desonestidade, em um discurso que realmente divide, separa e anula qualquer chance de verdade e sinceridade nas relações humanas. (Fim do Parênteses).

Entretanto, foi no programa “Os Trapalhões” que Macalé ganhou a admiração nacional e da criançada, quase como um “Quinto” trapalhão. Dizem as más línguas, que Muçum e Macalé não se davam, pois ambos, com o jeito espontâneo e natural de fazer humor, disputavam o mesmo espaço na programação.

Stanislaw Ponte-Preta escreveu, em sua coluna na Revista “O Cruzeiro”, que Temístocles estava tão absorvido e imbuído em viver a personagem que, certa vez, foi

receber o cachê onde trabalhava. O caixa pediu para esperar, enquanto atendia outros funcionários. Passados trinta minutos, o crioulo foi até o guichê e perguntou: “Como é que é, vai pagar o meu tutu ou não?”. O caixa então se desculpou e disse que já o havia chamado mais de dez vezes, e perguntou se ele não se chamava “Temístocles”. Tião, respondeu: “Sim, é verdade. Me chama de Tião mesmo, senão não atendo. Temístocles foi gozação do meu velho.”

Fez dezenas de filmes, incluindo as chamadas “Pornochanchadas” nas décadas de 70 e 80, e participou de quase todas as películas dos “Trapalhões”; desfilou em escolas de samba, fez publicidade e campanha para políticos (sempre remunerado), e gostava de jogar, apitar e treinar um time de futebol de praia, no qual era também dirigente, o “Dínamo”, formado por garotos.

Morreu em 1993, aos 66 anos, vítima de infecção pulmonar.



Optica MetrÓpole

Rua da Bahia, nº 1052 - Centro - Belo Horizonte - MG - Tel. (31)3226.3212

MENDIGOS MODERNOS

Michel Salomão



Já não se fazem mendigos como antigamente. No passado, eles se contentavam com as moedinhas que recebiam, juntavam tudo até que desse para comprar as suas coisas. Mas agora eles querem de uma só vez: não tem paciência para esperar. Ficam na porta de restaurantes e farmácias e pedem que paguem o almoço ou o jantar, um pacote de fraldas, uma caixa de bombons. Um dia desses, fui comprar um frango assado, o pedinte estava lá na porta e me abordou: “eu não quero dinheiro, não. O senhor compra um frango para mim”? Acontece que o frango custa DINHEIRO, para ser exato, R\$47,50 e eu tinha o suficiente para comprar apenas um. Se ele pedisse uma asa ou uma coxa eu ainda poderia pensar no assunto. Também nem cogitei em dar-lhe algumas moedas, porque ele poderia recusar, assim como aconteceu dias antes, quando um mendigo que estava sentado na porta de uma padaria lançou longe as moedinhas que lhe dei, gritando “eu não quero essa desgraça (sic)”.

Havia uma mulher que ficava perambulando pelas ruas do centro da cidade e pedia um prato de comida para todos os que passavam, mas ninguém leva um prato de comida dentro da pasta ou da bolsa, e quando a gente falava que não tinha ela rogava a sua praga.

Havia também um outro que possuía um ponto fixo perto da portaria de um grande hotel em Belo Horizonte, e exibia uma grande ferida na perna, através de um buraco aberto na altura da coxa. Eu estranhava, pois a tal “ferida” estava sempre “fresquinha”, e tempos depois fiquei sabendo que ele passava todos os dias num açougue que ficava ali perto e encomendava um bife de patinho para colocar na perna, e assim o safado exercia a sua

lucrativa “profissão”. Dizem que chegou a comprar um sítio, tinha carro e um apartamento no centro, tudo conquistado com o dinheiro das esmolas. Hoje em dia tem mendigo que até aceita Pix. Certa vez, encontrei um que tinha uma maquininha de cartão de crédito, e aceitava até parcelar a esmola em dez suaves prestações. O nome disso é modernidade.



Post Scriptum IV

Jorge F. Isah

Ouvia os passos no corredor, o mover das rodas de cadeiras e macas, passos a se arrastar, o baque seco ou titubeante de bengalas e muletas, vozes intercaladas, algumas altercadas, outras comedidas, o bip longínquo dos aparelhos, avisos e chamadas nos alto-falantes, o baque das borrachas das ambulâncias no asfalto e concreto... Das ruas, os sons distinguíveis da monotonia de qualquer cidade, o oxítono dissonante das sirenes, as buzinas sôfregas e buliçosas, a muvuca de esbarrões, pisadas, cores, sinais, luminosos e pichados... Se corriam desembestados, frenéticos, impacientes, caóticos, nada porém tornava-os imprevisíveis e anormais. Na sucessão de eventos, sejam quantos forem ou como se dessem, tudo era cerimonioso e protocolar, até mesmo os incidentes e acidentes pertenciam à escala rotineira do corriqueiro e ordinário. A vida quando vista de cima, era apenas sinais, traços, rastros e borrões. Não importando se em paredes, corpos, ares, sonhos e projetos. Tudo em escala de níveis e valores, a hierarquia estável do óbvio e inegável, mesmo que a instabilidade por trás dos gênios, algo cada vez mais raro, fosse detectável na relação em que as pessoas se submetiam aos modelos e especificações qual peça descrita em qualquer manual de usuário. Pouca coisa se descobria além deles, e quando se descobria, tratavam imediatamente de catalogar.

- O que pensa em fazer? – Disse o colega, preocupado com a situação, um tanto pelo dilema profissional, outro tanto por curiosidade e para saber se o circo pegaria fogo.

- Não sei... sinceramente, estou em uma encruzilhada... Por mais que me decida, quando penso nas implicações e no que representariam para o futuro, as dúvidas me levam ao ponto inicial, a recomençar todo o caminho novamente... Não tenho convicção, muito menos esperança de tê-la em absoluto.

- O prazo está se esgotando... Se não se decidir, mesmo não sabendo o que fazer, será o mesmo que saber, pois o veredito estará tomado, e depois nada mais restará a não ser lamentar... Em qualquer situação, quer queira ou não, você fará uma escolha, mesmo que não prefira nada, mesmo que não se resolva, o que não tem solução solucionado está... – Disse dramático, realçando a última frase com ênfase irregular, o timbre a vibrar notas de cáustico fatalismo... Gostava daquela frase, ouvida havia muito, esculpida desde criança, quando o seu pai a proferiu durante uma conversa com o tio e, tempos depois, soube haver sido aquela a tábua de salvação, a impedir o tio de cometer um desatino e arrepender-se pelo resto da vida, caso cometesse o que estava a matutar. Por isso, sempre que podia, arrumava um jeitinho de pronunciá-la como se fosse a voz inerrante da sabedoria, o sussurro do passado a ecoar inegável e definitivo, seja no tempo ou fora dele.

- Não havia pensado por este prisma...

Era verdade. Por mais que hesitasse, teria de chegar ao ponto de não recuar novamente, como tantas vezes fizera naquele intercurso, e tomar uma posição; do contrário, não seria

ele a escolher o seu futuro, a carreira, família, mas, sobretudo, o homem que almejava ser e buscava ser. Se não agisse ativamente, o fariam por ele, e seria, mesmo passiva, uma tomada de decisão, não nos seus moldes, mas nos deles, sem se importar com nada além de satisfazer suas vontades ao subjugar e prendê-lo em uma teia burocrática e inclemente, onde queriam todos e, de onde nem eles próprios podiam escapar.

Coçou a cabeça, irritado. Quis soltar um impropério, mas sentia-se impotente, e emitiu apenas um leve suspiro.

- Você precisa esfriar a cabeça... sei que não é fácil, dada a situação, mas se continuar assim vai acabar tendo um troço... Dá para ver que está com os nervos à flor da pele... O que disse o seu advogado?

O colega tentou cooperar, mas o outro não o ouviu.

- O que faria? Em meu lugar? – Por fim, manifestou-se, depois de silenciar o eco da outra voz.

- Eu?!!

- Sim, você...

- Ora... eu não sei... nunca passei por esta situação...

Encarou-o, enquanto o outro desviou o olhar.

- Mas, imagine-se no meu lugar...

- Não tem como... eu, simplesmente... não sei... não sei... não vejo muita saída... – Os olhos percorreram as órbitas em círculos agitados, para depois pousar no primeiro objeto visto e ali, depois de mais voltas, buscar onde se pôr e rodopiar sem destino.

Da forma como gaguejou e inquietou-se, demonstrou estar mais interessado na intriga do que qualquer outro estímulo. Não queria apoiá-lo ou dissuadi-lo, apenas se assegurar do seu estado emocional e indiscretamente sair pelos corredores e salas a espalhar boatos e fuxicos. Se conseguisse, algo impensado para o momento, esquadrihar-lhe a alma e chegar a conclusões verídicas, ainda assim não passaria de um fuxiqueiro, o profeta do ocorrido.

Outros colega o haviam abordado antes, alguns fingiam não haver nada de anormal, outros o evitavam, como se a proximidade implicasse em conluio e autoria; havia os bisbilhoteiros e um ou outro realmente interessado em ajudar no dilema. Em pouco tempo, pode distingui-los com a precisão de um termômetro refinado e infalível.

- Esta decisão é eugênica, sabia? – Antônio fechou os punhos e bateu no tampo da mesa. Prosseguiu:

- Não tem nada a ver com humanidade ou acabar com o sofrimento da paciente que, diga-se, não quer morrer, já deixou clara a sua posição juntamente com a família, mas as autoridades insistem em alegar a sua incapacidade, e então sentenciaram-na à morte... A família não pode se pronunciar publicamente, não pode arrecadar fundos para custear o tratamento, nem receber auxílio externo... Um hospital romeno se dispôs a levar, cuidar e prover todos os recursos possíveis na terapia, o governo de lá tornou-a, a seus pais e irmãos cidadãos, mas o tribunal negou qualquer intervenção externa e orientou o governo a cortar relações diplomáticas com a Romênia; tem cabimento?... Bando de lunáticos!

- Eu sei... Estou no meio do furacão... Acho que a minha carreira, seja lá qual decisão tomar, está perto do fim...

- Não pensa na menina?!... Apenas em você?!

A melancolia tomou-lhe pouco a pouco, no decorrer dos dias, ao ponto de não vislumbrar qualquer esperança no imbróglio, de se resolver sem que saísse chamuscado... Sim, era verdade, não estava tão preocupado como o irmão com a situação da paciente, tanto quanto consigo mesmo e o seu futuro. Claro, não era insensível ao ponto de não se condoer com a sua dor, com o seu destino, tão jovem e tendo a vida cortada não por um acidente, mas por uma rubrica a cavar-lhe um buraco e nele jogá-la, sem qualquer embaraço... mas o que podia fazer? Havia



muito em jogo, e por mais que se compadecesse do infortúnio das pessoas, e a prova era o seu hesitar, alguém poderia taxá-lo de egoísta ou empedernido?

- Custa pensar também um pouco em mim?

- A situação dela é traumática, meu irmão!

- E a minha, não é?

Antônio percebeu a injustiça cometida. Realmente, estava tão irritado com o estado de coisas, a insensibilidade, a falta de amor cristão, o tratamento desumano, mecanicista e seletivo dos governantes e suas decisões inexplicáveis, com o drama vivido pela garota, que não pensou bem e contentou-se apenas com uma parte da barbárie e não se ateve ao todo, ao conjunto de absurdos não concentrados unicamente na garota mas na variedade de infelizes e queixosos. Convinha entender a posição custosa na qual o irmão se envolvera, obrigado a decidir pela vida ou não, e a tomar partido, mesmo diante da ordem irrevogável do tribunal. Era de se reconhecer que não poderia jamais tê-lo censurado da maneira como o fez, pois também era uma das vítimas, e mesmo a sua vida não estando em jogo, era questão de tempo, conhecendo-o, vir a também partilhar do quinhão de sofrimento em proporções ainda maiores do que dividia.

- Desculpe-me, não fui justo com você! Não devia ter dito o que disse, afinal, tanto ela como você estão num cenário patético e trágico...

- Às vezes, acho que a minha é pior... Ela não tem mais o controle da situação, está imobilizada pelo arbítrio da lei e dos homens, enquanto eu ainda tenho... E isso é o que está me consumindo, pois as possibilidades não são as melhores, pelo contrário, são os maiores estorvos em que alguém pode se colocar... Queria não ter de decidir... É o mesmo que escolher entre a cruz e a espada, morrer afogado ou na fogueira.

Houve o silêncio. A verter-se no tempo, mais pálido e alquebrado.

- Se engana, meu irmão... Você não tem qualquer controle, não além daquilo que lhe foi permitido ter, infelizmente. Se olhar para fora, para além de você, não haverá saída; tanto a garota como você estarão irremediavelmente perdidos, e o mesmo vale para ela, caso se fie apenas na vontade alheia, nos interesses e motivação de outrem. É a isso que chamam prisão, quando vemos apenas o que pode ser feito conosco e nunca o que realmente deixamos de fazer...

- Quer dizer que não se deve lutar? As coisas devem ser como são e pronto?!... É isto o que está a dizer?

Titubeou. Não sabia se o seu argumento ajudaria ou era capaz de lançar o irmão em um mar de dúvidas ainda maiores e inexpugnáveis.

- Não é bem isso... Deixa-me explicar melhor... Na verdade, temos duas respostas a qualquer problema: a primeira, ir segundo o curso do mundo e das decisões impostas por ele, uma espécie de reação à ação, mas que não é uma reação, talvez um estímulo, um influxo, quase um reflexo involuntário, não chega

a ser nem uma decisão quanto mais objeção... não sei se me entende... é como o placebo para uma doença imaginária, em que o paciente toma o remédio para se curar de algo que não tem... No seu caso, qualquer posição que assumo, segundo as implicações de terceiros, será o tal placebo; nada mudará a situação que, a priori está resolvida, tanto você como ela estão seguindo as prescrições da bula de um medicamento que não funciona...para o mal que existe não em vocês mas tão somente neles...

Balançou a cabeça algumas vezes, como a mostrar ao irmão a incompreensão quanto ao argumento, sem entender se aquilo era uma fala de efeito ou também um placebo a todo o seu dilema.

- Pode ser mais claro, sem o “filosofez” jesuíta?

Pigarreou. Encheu o copo com água, esvaziou-o.

- Deixa ver se melhora a coisa... Se ambos tomarem a decisão segundo os padrões estabelecidos pelo mecanicismo inflexível da lei e juristas, pelos interesses corporativos, pela ânsia de lucro ou por qualquer outro argumento, mesmo o de salvar outras vidas, vocês estarão apenas ministrando a si mesmos o remédio para uma doença que não têm, para a enfermidade que não é de vocês mas deles, pois eles são os doentes... o mal que os invade somente será de vocês se não se cuidarem e se precaverem a fim de não se deixarem contaminar pelo vírus que os afeta... Se permitirem o contágio, perderão a identidade, entregarão a alma ao diabo, e serão como eles, nada além de uma extensão da miséria que os move, do pecado que se abastece com as suas vidas...

Tomou outro gole, antes de prosseguir.

- Ao passo que, se buscarem no íntimo, na consciência e nos valores que carregam e que os tornam o que são, sem se deixarem contagiar, seja por pressão, ameaças ou promessas, até mesmo pelo instinto de sobrevivência, estarão irremediavelmente derrotados independente da escolha, porque ela não é interior, não partiu do arbítrio e consciência, mas da coação externa, da volição de outro, e você apenas tomará o placebo para a enfermidade que não tem e, ao fazê-lo, se tornará tão doente quanto o mal poderá seduzir e levá-lo a fazer o que ele quer...

Se olharam fixamente. Havia nítido mal-estar, como se um balde de água fria fosse lançado sobre o irmão, enquanto Antônio se imaginava pondo gasolina no incêndio.

- Quer dizer que nenhuma decisão importa?... No fundo, tanto faz porque o destino está traçado? E até mesmo a minha desgraça não seria voluntária, mesmo que eu a quisesse e a sustentasse?... É isto?

- Apenas se você se conformar ao arbítrio alheio. Se a razão está exclusivamente nos termos impostos pelas autoridades, você não é livre nem desfruta a liberdade. Se, entretanto, a sua motivação for explicitamente interna, de foro íntimo, mesmo que sofra as consequências externas, não serão mais deles, nem contaminadas por eles, mas sua. A questão é simples: está disposto a satisfazê-los ou

não?... Se sujeitar ou não?... Caso não esteja, mesmo sofrendo as represálias e parecendo carta fora do baralho, o baralho estará em suas mãos e você é quem lhe dará destino.

- Se entendi, posso realizar a eutanásia e mesmo assim não estar submisso à vontade exterior, certo?

- Certo, mas apenas se a sua convicção se pautar na honestidade, justiça e virtude.

- Mas, quem é assim?... Isso é impossível!

- Não é. Veja o exemplo de Cristo e dos apóstolos.

- E quem garante que eu estou a cumprir esses princípios corretamente? Quem é o juiz da verdade? E a verdade não pode ser maquiada ou adaptada ao interesse egoísta e maligno do espírito?

- Por mais que você brigue com a verdade, ela não pode ser mudada ou corrompida. Pode-se fazer crer na mentira como verdadeira, mas se cumprir os três princípios que aponte, jamais será enganado, não importam as falácias nem os enganos, elas desmoronam naturalmente quando expostas à verdade.

- Mas você não me respondeu: quem garante a verdade? De que algo é verdadeiro ou não?

- Este é um assunto complexo, e não tenho como explicar-lhe tudo de uma vez, mas, se buscar em seu íntimo não apenas uma resposta para tapar um buraco, no sentido de o buraco ainda existir, só não pode ser visto, mas você que o tampou sabe que está lá e a qualquer hora pode cair nele, basta um descuido... Quanto a quem garante a verdade? Da sua decisão ser pautada por ela?... Por isso existem os padrões morais e éticos, uma lei natural. A questão não é se sabemos o que é certo ou errado, pois isso todos sabemos, mas o que move os corações a abandonar esta lei natural, e não é outra coisa senão a recompensa. Em outras palavras, abrimos mão da verdade para abraçar a mentira se ela proporcionar alguma vantagem ou benefício. Se seguir a lei natural trouxe flagelos e infortúnios, e transgredi-la resultar em ganho ou prêmio, qual é a escolha?... Diga?

- Eu sei... entendi... Mas, ainda assim, qual a garantia de os agravos serem o certo? Não apenas para mim, mas a família, o trabalho, e as pessoas ao redor?

- Novamente, esqueça a motivação exterior. Ela não pode jamais ser o empuxo à decisão, no máximo, a confirmação. Se não houver o isolamento da vontade, o escrutínio da alma, e a sincera reflexão, seus atos não serão seus mas de outros, sejam as contingências, obrigações, a apatia ou envolvimento. Se não se mantiver a distância segura, onde você esteja consigo somente, qualquer atitude estará contaminada e é quase certo a levá-lo ao erro ou mentira...E a garantia é aquilo posto por Deus em seu íntimo, a lei natural e o Imago Dei, a própria essência divina a permear-lhe os passos e levá-lo ao caminho reto e justo.

Ai, ai, pensou: como um agnóstico pode saber essas coisas? Se a figura de Deus era mais enigmas que chaves? Mais trevas que luz? Como distingui-las?

- Quando a paz simplesmente invadir o seu âmago e

todas as aflições o abandonarem. Assim, estará certo de ter feito o que deveria fazer. – Antônio se antecipou à questão, antes do irmão formulá-la.

- Paz... O que é a paz?

- Quando chegar a hora, você saberá... É algo nítido, cristalino, chega a ser mais explícito do que qualquer sensação vivida. Nela não existe pânico nem dúvidas.

- Sabe o que está dizendo?!

- Sei... Não é duradouro, por causa da nossa própria natureza, mas se faz límpido, ao ponto de serenar todos os demônios que porventura nos enfraquecem e desfiguram... É uma experiência única, difícil de explicar.

Ali estava ele, envolto em expectativas, descrença e confusão. Nada que fizesse poderia tirar-lhe daquele envoltório de tortura e estresse. Por que não tentar? Qual seria o impeditivo a não reconhecer a sua condição e rogar socorro?

- Eu quero isso...



KÁLAMOS

www.kalamos.com.br

Cada macaco no seu galho

Kim Jordan



Ao assistir erraticamente um programa na tv, deparei-me com uma ambientalista a defender ferrenhamente o fim dos testes e experimentos de vacinas, medicamentos e cosméticos com animais. Para ela, os pobres e indefesos bichinhos não podem pagar a conta pela solução dos nossos problemas. Chegou mesmo a dizer que a culpa dessa situação estava no patriarcado, capitalismo e no machismo estruturais, não nessa ordem, e as leis e a ética científica tinham de ser urgentemente revisonadas, seja lá o que isso signifique, do ponto de vista prático.

A conversa se seguiu por uns 40 minutos, sem que qualquer uma das participantes, três além da entrevistada, fizessem um único questionamento acerca da sua proposta. Lá estavam elas, aplaudindo, tecendo loas, inflando o ego umas das outras e, em especial, da “verdinha”. Uma delas chegou às lágrimas quando, no discurso final, a defensora dos bichinhos partiu para o ataque e afirmou a “necessidade de proibir essa injustiça e instituir a pena de morte aos infratores”. E ia mais além: “Os carnívoros, irracionais e bestiais em suas exigências alimentares, deveriam pagar mais impostos, multas e sofrer sanções como a perda de aposentadoria e outros benefícios sociais, caso insistam na prática nefasta e fascistóide de torturar, matar e consumir um inocente”.

Lá pelas tantas, quando estava prestes a desligar a tv e jogá-la no meio da rua, durante o seu discurso (sim, aquilo se tornou palanque), ela me saiu com a ideia brilhante de os experimentos necessários a garantir a eficiência de vacinas e cosméticos serem testados em humanos. Coci a cabeça: “Quem, em sã consciência, se arriscaria a

tomar um remédio experimental com o risco de ficar parecido com um crocodilo, um macaco-narigudo ou um aye-aye?”. E completou: “A humanidade que resolva os seus próprios imbróglios!”.

Mas, estaria ela disposta a se candidatar a cobaia de laboratório? Ou deixar filhos e parentes serem inoculados por elementos não testados minimamente? Ou estes riscos cairiam no colo dos miseráveis, seja por dinheiro, por imposição estatal ou até mesmo sem a devida consciência? P. ex.: ao participar do teste de um novo suco de laranja, quando se é preá de urânio, rádio ou cézio?

O que chamam de elite intelectual, os lacradores modernos, via de regra, não estão dispostos à perda do conforto, posição e de impor suas vontades à maioria dos cidadãos. Vivem a alardear ideias, desde as mais estúpidas até as ainda mais estúpidas que as estúpidas sem serem questionados, desobrigados do ônus de provar seus salamaleques, desde que haja “voluntários” suficientes para realizar a operação. E, sejamos sinceros, no mundo com mais de 7 bilhões de idiotas e desgraçados não será difícil encontrar “bois de piranhas” às baciadas.

Então, da próxima vez que você se colocar nas fileiras de defesa dos saguis e ornitorrincos ou outro bicho qualquer, em detrimento da sua própria espécie, tenha certeza de que foi cooptado instintivamente ao corporativismo “Callithrix”, p.ex.

E trate logo de pular de galho em galho, na árvore mais próxima, pois é bem provável que uma fila de candidatos esteja pronta a tomar o seu lugar.

CONVERSA DE

CRENTE

por Michel Salomão

Teve um tempo em que cheguei a pensar que tinha a obrigação de convencer as pessoas a largarem suas vidas ruins para seguirem os ensinamentos de Jesus, ou falharia em minha missão. Mas nem Jesus fazia assim. Ele dizia “venha e siga-me” (livre tradução). Ah, não quer? A escolha é sua. Era assim que eu deveria agir. Cheguei a perder alguns amigos por causa de meus “métodos”, o que foi uma tremenda burrice, pois a responsabilidade não era minha, bastando dar o meu exemplo, mostrando a minha transformação, que não foi lá muito grande, eu sei, pois nunca fui um viciado, nunca me envolvi em um acidente horrível, não tive que perder uma perna, um braço ou um olho, essas histórias fantásticas que deixam as pessoas assombradas e fazem com que se convertam instantaneamente.

Sempre tive uma vida muito retilínea, meio sem graça, então só me restava transmitir as mensagens que estavam na Bíblia, e esperar que isso surtisse algum efeito, mesmo que não fosse imediato. Mas fui acreditar nos esquemas de uma igreja que tinha como meta a cada ano dobrar o número de membros. Puro business.

Não sou eu que defino quem vai ou não vai ser salvo. Tem muita gente que se engana quando acredita que seu passaporte para o céu já está garantido, simplesmente por que em determinado momento um pastor lhe perguntou “você aceita Jesus como seu salvador?”, e ele respondeu “sim”. Essas pessoas interpretam que, quando Jesus disse, na cruz, “está consumado”, dali em diante estaria tudo liberado, e assim poderiam continuar com suas vidas erradas, pois estariam automaticamente perdoados. Se fosse assim, a Bíblia teria se encerrado naquele momento, sem a necessidade de Jesus aparecer para Paulo, um implacável

caçador de cristãos, que foi o responsável por escrever grande parte do Novo Testamento.

Jesus voltou para comprovar para os seus discípulos que o seu reino não era aqui, mas no céu, e que teríamos que perseverar até o fim, seguindo os seus mandamentos. E foi somente a partir daquele momento que os seus apóstolos, que o seguiram de perto por três anos, finalmente entenderam qual era o Seu propósito, pois haviam ficado desolados com a sua morte, mesmo tendo o Mestre assegurado que iria voltar. Mas eles não acreditaram. Quase precisou desenhar.

Quero que me perdoem se estou sendo repetitivo, acaso tenha abordado esse assunto em números anteriores, mas essa repetição é às vezes necessária, pois o bicho (o tchoso, o maldito, o coisa ruim) coloca uma viseira nos olhos dos desavisados, que demoram a entender coisas tão simples quanto as que estão na Bíblia.

A Bíblia não é complicada: nós é que complicamos as coisas. Fala de homens, mulheres e crianças que viveram em um tempo em que a vida era muito básica, não havia essas facilidades que temos hoje em dia, essa tecnologia que facilita o acesso às informações, e ainda assim preferimos acreditar em coisas estúpidas que nos contam os jornais e as revistas.

As pessoas mais simples tem muito mais facilidade para desenvolverem a sua fé. Mas também podem se ludibriadas com mais facilidade. Cabe a mim e a você, seres dotados de inteligência e bom senso, orientarem essas pessoas, mas sem sermos invasivos e chatos. Assim estaremos cumprindo a nossa missão.

E que Deus nos abençoe.

DIÁRIO DE UM sujeito

Helvécio S. Pereira



A esquerda, “a la brasileira”, é um distúrbio, nada e ninguém a explica, muito menos lógica em suas defesas e discurso. O pior é que ela ocorre diuturna e quase onipresente na problemática, e cada vez menos eficiente, “educação à brasileira”.

Pense em dois ardorosos defensores incoerentes que apelam à mentira mais deslavada e improvável até a retórica débil e axiomáticamente equivocada e inconcludente! Pois bem, dois desses, a despeito da simpatia pessoais, são marido e mulher, trabalham juntos comigo, e após falarem gatos e lagartos do atual governador de Minas, que esteve alinhado ao ex-presidente de direita.

Gratuitamente atacado tanto por eles como por outros membros do funcionalismo, sejam educadores, aspones ou a segurança pública, na defesa ardorosa e intransigente de mais uma paralisação inútil e injustificada (greve para inglês ver, já que o funcionalismo parece sempre estar de recesso), ao receberem a notificação do executivo de que, caso a greve continuasse, “pagariam” os dias faltosos em 28 e 29 de dezembro; eis que dou de cara com ambos, furando a greve que defenderam e já não parecia mais tão importante...

Um bate-boca entre a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, e o senador Plínio Valério (PSDB), na CPI das ONGs, chamou a atenção por uma crítica da auxiliar do presidente Lula ao parlamentar. Marina Silva repreendeu o senador por ter utilizado o termo “caixa-preta” ao tratar sobre descobertas na CPI. Marina disse que o termo é racista.

“Caixa-preta não, senador. Isso é uma forma pejorativa de se dirigir às pessoas pretas”, diz a ministra. E prosseguiu: “Preta sou eu, que estou aqui do seu lado”. O senador, na ocasião, substituiu a expressão por “caixa de Pandora”. A crítica de Marina Silva surpreendeu parte dos presentes, e foi comparada à fala da ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, ao afirmar que o termo “buraco negro” é racista. Pelo visto, existe uma endemia de parvos no governo; mas isto, todos já sabíamos...

O termo “caixa-preta” não se refere a algo ruim. A principal hipótese para a escolha do nome é que ele tenha sido herdado de um outro equipamento utilizado pela Royal Air Force, durante a Segunda Guerra. Era um radar que possibilitava ao piloto uma melhor visualização por detrás das nuvens e até no escuro. Neste caso, os itens eletrônicos do equipamento eram armazenados em compartimentos realmente pretos. Era comum que dispositivos eletrônicos utilizados na aviação, durante a época, fossem armazenados em caixas pretas, mas foi este radar que consagrou o nome, e virou jargão entre os aviadores como “Black Box”.

Na época, era comum qualquer novo artefato instalado nas aeronaves, cujo interior não poderia ser visto, ser denominado “caixa-preta”.

Atualmente, as cores dos equipamentos, que são gravadores de dados do voo, têm a cor laranja. O motivo é ser mais chamativa e facilitar as buscas em caso de acidentes aéreos.

Por falta de aviso, teorias de conspiração, profecias, torcidas e os escambaus, o mundo, quanto antes acabar, melhor. Talvez seja pelo desejo inconsciente de que apenas as coisas ruins, detestáveis e gentilhas (não quanto à posição social, financeira ou intelectual, mas quanto ao aspecto moral e ético), desapareçam como pó ao vento. Seria excesso de otimismo ou purificação gratuita (Em tempos de eugenia social, étnica, política e religiosa, por que não desejar me ver livre do diabo e seus demônios?)?... Afinal, melhorar a nós mesmos (desafio impossível) e aos outros (desafio duplamente impossível) sempre são desejáveis seguindo a lei do melhor esforço: reclinados em um sofá e apenas contemplando o fogo no feno ou o castelo de cartas se desfazer.

Qual é a sua atitude? Como é ou será o seu enfrentamento? Seja qual for, lembro-me de uma frase dita pela personagem do rapaz que lidera a liberdade no filme “The Island”: “O importante é sobreviver!”...

SPOILERS



PERDI O MEU TEMPO

“TEMPO”, em cartaz na Netflix, foi um dos piores filmes que já vi nesses 60 anos de vida incompletos. Fui atraído pela participação dos atores Gael Garcia Bernal e Rufus Sewell, além da direção de M. Night Shyamalan, que nunca foi o meu preferido, apesar de ter gostado de “O Sexto Sentido” e “A Vila”, mas não simpatizei muito com “Sinais”, “A Dama da Água” e “Depois da Terra”.

O enredo é até interessante: um casal e seu casal de filho vão passar as férias em uma deserta praia paradisíaca, onde existe um Resort de Luxo, mas descobrem que naquele lugar o tempo passa mais rápido, numa proporção de dois anos para cada hora. Explicando melhor: isso só acontece em uma pequena faixa de areia, isolada por falésias, com acesso por uma espécie de túnel natural, mas por onde não conseguem voltar, pois todos os que tentam sentem

uma pressão insuportável na cabeça, desmaiam e em seguida aparecem deitados na areia sem entenderem como foram parar naquele lugar.

O problema maior é a cronologia: enquanto as crianças, que eram três, os irmãos e mais uma menina filha de outro casal crescem e se tornam adultas rapidamente, os demais não mostram esses sinais com tamanha eficiência, talvez para economizar na maquiagem, o que torna a situação grotesca. Chega a ponto de, em determinada cena, o menino, filho do Bernal, e a menina, filha do



Rufus, estarem conversando em uma barraca, e vão envelhecendo rapidamente, até que aparecem caminhando na areia, já pós adolescentes, com a menina grávida, já com um barrigão de nove meses, e o bebê morre imediatamente, porque não deu tempo para a mãe amamentá-lo.

As outras mortes também são igualmente ridículas. O personagem vivido por Rufus Sewel é patético: ele é um enfermeiro que vai desenvolvendo uma psicose estúpida, mas só perde para a personagem interpretada por Vicky Krieps, a esposa do Bernal, que desenvolve um pequeno tumor abdominal que, durante o processo da extração, já sai do tamanho de uma bola de basquete.

Vale lembrar que as feridas cicatrizam imediatamente, mas ainda assim um ou outro morre com umas facadinhas de nada. O ponto em comum é que todos os personagens são extremamente passivos, e esperam pela morte. Apenas o personagem de Sewell é mais doidinho, e morre com uma facada da Krieps (a faca estava enferrujada e ele fica rapidamente podre).

Uma das cenas mais ridículas é a morte de uma das personagens obscuras, uma magrela que só fica desfilando em um biquini sem bunda, e que no final fica louca e sai correndo atrás dos irmãos, que entram em uma caverna, mas seus ossos vão se quebrando e imediatamente se solidificando, e ela fica toda retorcida e agonizante na areia, isso para tentar provocar algum “terror” no espectador.

No final, os dois irmãos, já adultos, descobrem que estavam sendo observados do alto da montanha, pois o rapaz percebe o brilho da lente da filmadora, mas aí eles começam a nadar através dos corais e desaparecem. O cara que estava na montanha acredita que eles morreram e recolhe os seus apetrechos tecnológicos, vai embora, e na cena seguinte já está no laboratório, onde dezenas de cientistas fazem os mais variados testes, enquanto o dono do resort dá ordens e se mostra o chefe da organização do mal, que atrai os incautos turistas para os seus experimentos, e aí tenta explicar todo o processo da experiência, porque até então ninguém consegue entender bulhufas, e mostra a lista de quantos já morreram.



Ah, esqueci de dizer que tem um personagem, que é um rapper, que fica com o nariz sangrando o tempo todo (sem qualquer explicação), um chinês que morre afogado (também sem explicação) e sua namorada psicóloga que morre num ataque de epilepsia.

Na última cena, alguém entrega uma lista de nomes para um policial que estava à paisana tomando umas birritas na praia (ele pergunta à queima-roupa: você é um policial?) e agora vemos o casal de irmãos diante do dono da espelunca e de todos os funcionários do mal boquiabertos com a presença deles, e os dois desmascaram o plano maléfico, diante do policial que acaba de chegar. Se fosse um filme coerente, todos os maléficos juntariam em cima dos três e os jogaria aos tubarões, eliminando totalmente as provas, mas ficam totalmente passivos, à espera da chegada do reforço policial. Quer que eu confesse? Fui acelerando a velocidade do filme a partir da metade, pois seria impossível aguentar até o final.

